

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA**  
**CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM HISTÓRIA PARFOR- AUTAZES/AM**

**Ata defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas, realizado no dia 04 de agosto de 2026.**

Aos 04 dias do mês de agosto de 2026, nas dependências da sede SEBRAE, localizado na Rua Ângelo Portugal, S/N, Bairro Centro, no município de Autazes, realizou-se a defesa do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História da discente **FRANCILANE JULLY DOS SANTOS** com o tema **A HISTÓRIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS ATUANTES EM COMUNIDADE RURAIS DO MUNICÍPIO DE AUTAZES, AMAZONAS**. As apresentações cumprem uma exigência do Projeto Pedagógico do curso para obtenção do grau de Licenciada em História. A Presidente deu início à sessão e informou sobre os procedimentos do exame de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Depois da apresentação, palavra foi facultada a discente para apresentar uma síntese do seu estudo e em seguida, foi arguida pelos membros avaliadores. Após a apresentação e arguição pelos membros da Banca avaliadora, esta se reuniu e considerou a discente Aprovada. A sessão foi encerrada. Eu, professora Dra. Sarah dos Santos Araujo, secretariei e lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca avaliadora.

*Sarah dos Santos Araujo* Nota ( 10,0 )  
Orientadora Professora Dra. Sarah dos Santos Araujo

*Luciana Guimarães Santos* Nota ( 10,0 )  
Avaliadora Professora Ma. Luciana Guimarães Santos

*Suena Santarém Loureiro* Nota ( 10,0 )  
Avaliadora Professora Ma. Suena Santarém Loureiro

Média ( 10,0 ) *Francilane Jully dos Santos*  
Acadêmica: **FRANCILANE JULLY DOS SANTOS**



Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Estrada Odovaldo Novo, S/N - Djarde Vieira  
CEP: 69.125-470 / Parintins - AM



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CURSO DE HISTÓRIA – CAMPUS AUTAZES**

**FRANCILANE JULLY DOS SANTOS**

**A HISTÓRIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS ATUANTES EM  
COMUNIDADES RURAIS DO MUNICÍPIO DE AUTAZES, AMAZONAS**

**AUTAZES - AM**  
**2026**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS**  
**CURSO DE HISTÓRIA – CAMPUS AUTAZES**

**FRANCILANE JULLY DOS SANTOS**

**A HISTÓRIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS ATUANTES EM  
COMUNIDADES RURAIS DO MUNICÍPIO DE AUTAZES, AMAZONAS**

Trabalho de Conclusão de Curso em  
História apresentado a Universidade do  
Estado do Amazonas como requisito  
parcial para obtenção do título de  
licenciado(a) em História. Acadêmica:  
Francilane Jully dos Santos  
Orientadora: Profa. Dra. Sarah dos Santos  
Araujo

**FRANCILANE JULLY DOS SANTOS**

**A HISTÓRIA DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS  
ATUANTES EM COMUNIDADES RURAIS DO  
MUNICÍPIO DE AUTAZES, AMAZONAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Licenciado em História e aprovado em sua forma final pela Banca Examinadora da Universidade do Estado do Amazonas.

Aprovado em 04 de agosto de 2026.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Sarah dos Santos – Presidente/Orientadora  
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

---

Profa. Ma. Luciana Guimarães Santos – Membro  
SEDUC-AM

---

Profa. Ma. Suená Santarém Loureiro – Membro  
Universidade Federal do Amazonas

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem Objetivo Geral: Analisar a história das parteiras tradicionais no município de Autazes evidenciando suas contribuições como lideranças sociais femininas na preservação da vida e desenvolvimento de suas comunidades, destacando seus saberes, práticas e trajetórias de vida enquanto agentes fundamentais no cuidado com gestação, o parto e o puerpério. Dentre os motivos para a escolha desse trabalho está minha herança como neta de uma parteira indígena da comunidade de Paracuúba. Quanto a metodologia, a pesquisa insere-se no campo da História Oral, valorizando sujeitos historicamente invisibilizados e preservação de suas memórias. Desenvolve-se no campo de Estudo Qualitativo, os instrumentos utilizados foram entrevistas com parteiras tradicionais e membros da comunidade local, seguida da elaboração de relatório de campo para organização e tabulação dos dados obtidos. Os resultados indicam que essas mulheres desempenharam um papel central na assistência ao parto nas comunidades rurais de Autazes, baseando-se em saberes transmitidos oralmente, práticas tradicionais de cuidado humanizado e fortes vínculos comunitários, contribuindo para o reconhecimento do protagonismo social feminino nas comunidades amazônicas do município de Autazes.

**Palavras-chave:** Parteira; Protagonismo Feminino; História das Mulheres; Saberes Tradicionais.

## ABSTRACT

This Final Course Project has the general objective of analyzing the history of traditional midwives in the municipality of Autazes, highlighting their contributions as female social leaders in the preservation of life and the development of their communities, emphasizing their knowledge, practices and life trajectories as fundamental agents in the care of pregnancy, childbirth and the postpartum period. One of the reasons for choosing this theme is the author's own heritage as the granddaughter of an indigenous midwife from the Paracuúba community. Methodologically, the research falls within the field of Oral History, valuing historically invisible subjects and the preservation of their memories. It is structured as a Qualitative Study; the instruments used included interviews with traditional midwives and local community members, followed by the preparation of field reports to organize and tabulate the collected data. The results show that these women played a central role in childbirth care in rural communities of Autazes, drawing on orally transmitted knowledge, traditional humanized care practices and strong community ties, contributing to the recognition of female social protagonism in the Amazonian communities of this municipality.

**Keywords:** Traditional Midwives; Women's Leadership; Women's History; Traditional Knowledge.

## INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido no município de Autazes, situado no estado do Amazonas. Conhecido tradicionalmente como a “terra do leite”, em razão da produção de laticínios — como queijo, leite de búfalo e iogurte —, o município localiza-se na região central do Amazonas, na 7ª Sub-Região do Rio Negro-Solimões. Possui área territorial de 7.986 km² e população estimada em 41.005 habitantes, segundo o IBGE (2021), sendo o 16º município mais populoso do estado.

Historicamente, até o final do século XVIII, a assistência à gravidez, ao parto e ao puerpério esteve majoritariamente sob responsabilidade feminina, realizada no espaço doméstico e comunitário, com saberes transmitidos oralmente entre gerações (SANTOS, 2016, p. 11). A partir do século XIX, com a consolidação da obstetrícia e da medicina científica, iniciou-se um processo de medicalização do parto, que progressivamente deslegitimou esses conhecimentos femininos (CARVALHO et al., 2009, p. 768).

No Brasil, a criação de maternidades se intensificou no início do século XX, e no Amazonas esse processo se aprofundou a partir da década de 1970 com a expansão de postos e maternidades, após os avanços das políticas de reformas sanitárias (SANTOS, 2016, p. 19). Apesar dessas transformações, em diversas comunidades amazônicas — especialmente nas áreas rurais e de difícil acesso — as parteiras continuaram exercendo papel fundamental na assistência às gestantes (SANTOS, 2016, p. 12).

No município de Autazes, as parteiras tradicionais constituíram importantes lideranças femininas, reconhecidas pelos conhecimentos sobre gestação, parto e pós-parto, pelo uso de plantas medicinais, rezas e outras práticas tradicionais de cuidado (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 9). Sua atuação foi essencial em comunidades onde o acesso aos serviços de saúde era limitado, tornando-se referência de confiança e solidariedade para inúmeras famílias. Entretanto, com a expansão da assistência hospitalar e das políticas públicas de saúde, observa-se um progressivo enfraquecimento dessa prática tradicional (OLIVEIRA; PERALTA; SOUSA, 2019, p. 8).

Diante desse contexto, este estudo buscou responder ao seguinte problema de pesquisa: quais as contribuições das parteiras tradicionais como lideranças femininas para as comunidades rurais e para a história do município de Autazes?

Parte-se da compreensão de que essas mulheres desempenharam papel decisivo na preservação da vida, no cuidado materno-infantil e na organização social das comunidades, constituindo um importante patrimônio histórico e cultural da Amazônia (SANTOS, 2016, p. 13).

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a história das parteiras tradicionais no município de Autazes, evidenciando suas contribuições como lideranças sociais femininas na preservação da vida e no desenvolvimento de suas comunidades, destacando suas memórias, experiências e saberes. Como objetivos específicos, buscou-se estudar a produção científica sobre as parteiras tradicionais, identificar seus conhecimentos e práticas de cuidado, realizar entrevistas com parteiras do município e com membros da comunidade que vivenciaram essa realidade.

A pesquisa fundamenta-se na História Oral, por compreender que as narrativas das entrevistadas constituem importantes fontes para a reconstrução da história local e para a valorização de sujeitos historicamente pouco visibilizados (DIAS, 2007, p. 478). Trata-se de um estudo de campo, de abordagem qualitativa e caráter descritivo, realizado por meio de entrevistas com parteiras tradicionais e membros da comunidade, complementadas pela elaboração de relatório de campo para organização e análise dos dados.

Os resultados evidenciam que as parteiras tradicionais desempenharam papel central na assistência ao parto em Autazes, atuando com base em saberes transmitidos entre gerações, práticas tradicionais de cuidado e fortes vínculos comunitários (NASCIMENTO et al., 2023, p. 55). Estudar as parteiras das comunidades de Autazes é recuperar uma história frequentemente apagada. Dessa forma, esta pesquisa contribui para o reconhecimento da memória, da história e do protagonismo feminino na construção das formas de cuidado e da organização social das comunidades amazônicas, em um cenário onde a presença das mulheres nas narrativas históricas ainda é reduzida.

A escolha do tema deste trabalho também está ligada à trajetória da pesquisadora, que desde a infância conviveu com sua avó Zulmira, parteira tradicional do município de Autazes. Essa aproximação tornou-se ainda mais significativa durante sua primeira gestação, em 2010, quando sua avó, apesar de já estar impossibilitada de realizar partos devido à perda da visão, preservava os conhecimentos adquiridos ao longo de sua trajetória. Ao realizar a prática de “puxar

a barriga”, orientou a pesquisadora sobre a posição do bebê, demonstrando a permanência desses saberes mesmo diante das limitações impostas pelo envelhecimento. Após o falecimento de sua avó, em 2013, permaneceu a compreensão de que esses conhecimentos constituem um patrimônio histórico e cultural que necessita ser registrado e valorizado. Posteriormente, durante a graduação em História, o contato com estudos sobre parteiras tradicionais fortaleceu o desejo de transformar essa memória familiar em objeto de investigação científica, originando a presente pesquisa.

## **Desenvolvimento**

### **Um breve histórico da atuação de parteiras no Município de Autazes**

A presença das parteiras remonta a séculos, com práticas que se consolidaram em países europeus e se transformaram até o século XX, quando o parto hospitalar passou a ser a tendência dominante (SANTOS, 2016, p. 18). No Brasil, até o final do século XVIII, a assistência à gestação, ao parto e ao puerpério era essencialmente feminina, desenvolvida no espaço doméstico e comunitário por meio de saberes transmitidos entre gerações (CARVALHO et al., 2009, p. 768). A partir do século XIX, com a institucionalização da obstetrícia, esses conhecimentos empíricos foram progressivamente deslegitimados em favor da medicina científica (SANTOS, 2016, p. 19).

Na década de 1970, observou-se em diversas regiões da Amazônia iniciativas de instituições religiosas, especialmente da Igreja Católica, que buscavam apoiar e qualificar o trabalho das parteiras tradicionais, reconhecendo sua importância para as comunidades (SANTOS, 2016, p. 19). Para o município de Autazes, não foram encontrados registros oficiais de projetos específicos nesse período, mas relatos orais indicam que lideranças religiosas respeitavam e acompanhavam a atuação dessas mulheres, integrando as rezas e rituais das parteiras às práticas de fé da comunidade (SANTOS, 2016, p. 12).

Registra-se que o primeiro estabelecimento hospitalar público local foi criado na segunda metade do século XX, em 1955, com atendimento mais básico. Seguindo as políticas de reformas sanitárias que se expandiram por todo o Brasil e aprofundaram-se na Amazônia (SANTOS, 2016, p. 19), a estruturação e inauguração oficial do primeiro hospital do município de Autazes deu-se em 02 de novembro de

1973. Até esse período, as parteiras tradicionais eram as únicas referências da assistência médica formal e do cuidado ao nascimento, cabendo a elas o atendimento baseado em saberes acumulados pela experiência, observação e transmissão oral de práticas que deram origem a essa atuação (SANTOS, 2016, p. 10). Elas são reconhecidas pela comunidade por um saber prático e intergeracional, definindo-se como aquelas que assistem partos domiciliares com reconhecimento coletivo (NASCIMENTO et al., 2023, p. 54; SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 1). Geralmente aprendem o ofício no convívio familiar, impulsionadas pela necessidade, pelo desejo de ajudar e pela própria ancestralidade (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 6; NASCIMENTO et al., 2023, p. 55).

Diferente de outros profissionais, sua atuação se apoia em vínculos de parentesco, afeto e responsabilidade, especialmente em locais de difícil acesso (OLIVEIRA; PERALTA; SOUSA, 2019, p. 7). Suas narrativas, analisadas pela História Oral, revelam o quanto foram fundamentais para a compreensão do cuidado comunitário, num contexto em que a medicalização foi redefinindo e desvalorizando esses saberes historicamente construídos (DIAS, 2007, p. 477-478; OLIVEIRA; PERALTA; SOUSA, 2019, p. 8).

Em Autazes, práticas como “pegar barriga” para confirmar a gestação, verificar a posição fetal e até identificar o sexo do bebê faziam parte desse repertório, que incluía também o uso de ervas, rezas e orientações ao longo de toda a gestação e ao pós-parto (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 8; PINTO, 2009, p. 25). Sua permanência está ligada às próprias características geográficas do município: longas distâncias, comunidades rurais e ribeirinhas e dificuldade histórica de acesso à saúde fizeram delas a principal referência de cuidado (SANTOS, 2016, p. 12). Contudo, com o tempo, as exigências de formação formal e a expansão da assistência hospitalar foram excluindo muitas parteiras que aprendiam o ofício na prática, contribuindo para o desaparecimento gradual dessa tradição (SANTOS, 2016, p. 20-21).

A aproximação da pesquisadora com o universo das parteiras tradicionais, construída por meio da convivência familiar desde a infância, contribuiu para a compreensão das práticas culturais analisadas e favoreceu a construção de uma relação de confiança com as entrevistadas. Contudo, a pesquisa foi desenvolvida a partir dos princípios metodológicos da História Oral, interpretando as narrativas em

diálogo com as fontes orais, a bibliografia especializada e a análise histórica (PORTELLI, 1997, p. 28).

### **As práticas sociais das mulheres parteiras da área rural de Autazes**

As práticas sociais desenvolvidas pelas parteiras da área rural de Autazes estão profundamente relacionadas aos saberes tradicionais e às experiências acumuladas ao longo do tempo. Tais práticas envolvem o uso de ervas medicinais, massagens, rezas, orientações alimentares e acompanhamento contínuo da gestante, evidenciando uma concepção de cuidado que articula dimensões físicas, emocionais e simbólicas (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 9).

O momento do parto, segundo as narrativas orais, é compreendido como um evento carregado de significados, no qual a parteira atua não apenas como auxiliar técnica, mas também como figura de apoio emocional e espiritual. As rezas e crenças religiosas fazem parte desse processo, expressando uma relação entre fé, corpo e natureza, característica das práticas tradicionais de cuidado presentes nas comunidades amazônicas (SANTOS, 2016, p. 14).

Nesse sentido, o parto é descrito como um processo que envolve a força do universo, presente na natureza feminina, culminando com a chegada de uma nova vida e a satisfação de dar à luz. Além disso, é visto como uma experiência em que a mulher não apenas vivencia o nascimento de uma criança, mas também o surgimento de uma nova versão de si mesma (DIAS, 2007, p. 480).

Essas mulheres gozavam de reconhecimento social em suas comunidades e, muitas vezes, deslocavam-se entre diferentes localidades conforme a demanda, sendo conhecidas além dos limites territoriais imediatos (OLIVEIRA; PERALTA; SOUSA, 2019, p. 7). Constituem-se, ainda, como lideranças comunitárias, respeitadas pela responsabilidade que assumem em relação ao nascimento (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 13). Essa realidade também foi relatada detalhadamente por Meire de Souza dos Santos e Jucialeme Prado Pacheco, que aprenderam esses saberes no convívio, na observação e na prática diária, transmitidos diretamente por mulheres experientes. Já com Lanna Dávila Santos Monteiro, a transmissão se deu por meio de uma forte ligação entre gerações — da avó, parteira tradicional, para a neta —, mesmo sem convívio diário; essa herança cultural e afetiva acompanhou sua trajetória, motivou sua formação como enfermeira

obstetra e impulsiona, até hoje, sua dedicação em defesa do parto humanizado, unindo a sabedoria ancestral ao conhecimento científico.

### **Apresentação e análise dos resultados**

A partir de agora apresentamos e analisamos as respostas às perguntas do questionário aplicado junto as parteiras e membros das comunidades que são: Meire de Souza dos Santos, 55 anos, residente na comunidade Aldeia Joséfa, Autazes. Atua como Agente Indígena de Saúde (AIS) e parteira tradicional, iniciando sua prática aos 18 anos, por meio de observação comunitária e convívio com outras parteiras locais. Jucialeme Prado Pacheco, 37 anos, filha da parteira Meire de Souza dos Santos. Acompanhou o trabalho da mãe desde a infância, aprendendo os saberes e as práticas. Lanna Dávila Santos Monteiro, 26 anos, natural de Autazes, enfermeira obstetra. É neta da parteira tradicional Zulmira Bararua dos Santos, moradora da comunidade Aldeia do Paracuúba, cuja trajetória influenciou diretamente sua escolha profissional e sua visão sobre o cuidado humanizado.

A elaboração das perguntas que compuseram o roteiro de entrevista partiu dos objetivos definidos para esta pesquisa e da revisão bibliográfica realizada sobre a temática, buscando contemplar a trajetória de vida, os saberes acumulados, as práticas de cuidado, os desafios enfrentados e o significado social do ofício de parteira tradicional.

| <b>ETAPA DO CUIDADO</b>     | <b>PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DESTACADAS PELAS PARTEIRAS</b>                                                                 | <b>ORIENTAÇÕES E PRÁTICAS REALIZADAS</b>                                                                                                                                                                                                                                  |
|-----------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>CUIDADOS NA GESTAÇÃO</b> | Acompanhamento contínuo; vínculo de confiança; saber prático transmitido entre gerações; uso de recursos naturais e rituais. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prática de “pegar barriga”: confirmação da gestação, verificação da posição fetal.</li> <li>• Orientações alimentares e uso de chás e ervas.</li> <li>• Aconselhamento sobre repouso, higiene e equilíbrio emocional.</li> </ul> |

|                              |                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                |
|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ORIENTAÇÕES NO PARTO</b>  | Respeito ao ritmo e à escolha da mulher; apoio físico e emocional; fé aliada à experiência. | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeito à posição escolhida pela gestante; uso de banhos, chás e massagens.</li> <li>• Apoio durante o trabalho de parto e o nascimento.</li> <li>• Realização de rezas e rituais conforme a necessidade.</li> </ul> |
| <b>CUIDADOS NO PÓS-PARTO</b> | Acompanhamento até 40 dias; cuidado integral com mãe e bebê; envolvimento familiar.         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientações alimentares e de repouso.</li> <li>• Banhos, chás e cuidados com a cicatrização.</li> <li>• Acompanhamento do sangramento, da amamentação e do umbigo do bebê.</li> </ul>                                 |

Tabela produzida pela autora com base nas narrativas orais das entrevistadas (2026).

. Essa tabela nos permite conhecer algumas das práticas apresentadas pelas três entrevistadas, referentes aos cuidados antes, durante e depois da gestação. Ela organiza as ações das parteiras em três momentos essenciais: na gestação, no parto e no pós-parto, destacando para cada etapa os princípios que guiam esse trabalho como o vínculo de confiança, o respeito à escolha da mulher e o saber transmitido entre gerações e as práticas concretas realizadas, que incluem desde o acompanhamento contínuo, orientações alimentares e uso de ervas, passando pelo apoio físico e emocional no nascimento, até os cuidados com a recuperação da mãe e do bebê por cerca de 40 dias. Essas etapas são fundamentais porque cobrem todo o ciclo gestacional de forma contínua e integral, unindo saberes tradicionais à atenção aos aspectos físicos, emocionais e espirituais, além de observar sinais que indicam a necessidade de auxílio médico, garantindo mais segurança, acolhimento e valorização da cultura local para a família.

Em seguida, passamos à análise detalhada a partir dos relatos: A primeira pergunta do questionário foi, como a senhora aprendeu a fazer parto? Quem lhe ensinou? Resposta de Dona Meire:

Eu aprendi a fazer parto observando o primeiro parto que uma parteira foi fazer dentro de outra comunidade. Quando eu tinha 11 ou 12 anos, a gente não podia entrar no quarto, mas de repente me permitiram entrar e eu observei. Aquilo ficou na minha mente e eu dei continuidade. Comecei a fazer parto aos meus 18 anos.

Resposta de Jucialem:

Desde pequena eu acompanho a minha mãe, que é parteira, nos partos que ela faz dentro da aldeia. Então eu aprendi com ela desde pequena. Sempre gostei, gosto muito de fazer os partos das nossas aldeadas lá. Sempre elas me procuram para pegar barriga. Então eu creio que, desde pequena, eu tenho esse dom de conhecer um pouco sobre o parto.

As respostas mostram que o conhecimento das parteiras foi construído de formas diferentes, mas com algo em comum: a experiência prática. A Dona Meire, aprendeu observando outras parteiras e guardando na memória o que viu, o que mostra como o saber tradicional é transmitido pela convivência e pela prática do dia a dia. A Jucialem, construiu seu conhecimento acompanhando a mãe, que também é parteira, desde a infância. Seu aprendizado está ligado à convivência familiar e à tradição dentro da aldeia. Ao afirmar que acredita ter um “dom”, ela demonstra que entende o ofício não apenas como profissão, mas como vocação e herança cultural transmitida entre gerações.

A segunda pergunta do questionário foi, há quanto tempo que a senhora trabalha como parteira aqui na comunidade? Resposta de Dona Meire: “Eu estou com 37 anos trabalhando como parteira tradicional. Comecei aos meus 18 anos e continuo até hoje”. Resposta de Jucialem:

Lá na minha aldeia, Josefa, como eu falei, eu acompanho minha mãe desde pequena, mais ou menos desde os 12 anos. Até ficar adulta. Eu não me lembro exatamente o período de tempo, mas a gente já fez vários partos juntas. E depois eu passei a fazer sozinha também.

A Dona Meire, acumula mais de três décadas de atuação, o que demonstra dedicação contínua ao cuidado das mulheres da comunidade. Esse longo tempo de atuação indica não só prática acumulada, mas também confiança social construída ao longo dos anos. A Jucialem, não especifica o tempo exato, mas afirma que acompanha a mãe desde aos 12 anos e que posteriormente passou a realizar partos sozinha. Seu tempo de atuação está ligado à vivência prática e à continuidade familiar, não necessariamente a uma contagem formal de anos. Isso reforça o caráter tradicional de sua formação.

A terceira pergunta do questionário foi: O que a senhora costuma fazer para cuidar das mulheres Pós-Parto? Resposta de Dona Meire:

Primeiro eu oriento minhas pacientes na alimentação, porque nem tudo elas podem comer durante sete dias. Depois disso, até os 40 dias, ainda tem cuidado. Eu faço banho, ensino a cuidar dos seios, uso casca de pau amargo, mantenho silêncio no quarto, faço água de sororoca para cólicas e outros remédios caseiros conforme minha sabedoria.

### Resposta de Jucialem:

Depois do processo do parto, a gente faz o acompanhamento delas. A gente vai lá ver se está sangrando muito ou se o sangramento está normal. Se ela estiver com cólica, a gente faz remédios caseiros. A gente tem aquela cuidado pós-parto, porque ela fica 40 dias de repouso. Durante esses 40 dias, ela não pode fazer nenhum tipo de esforço. Por isso, ela tem apoio da família e do esposo. A criança também fica em observação, para ver se o umbiguinho está secando da forma correta, se não pegou infecção. Tudo é feito dentro da comunidade. a gente cuida muito bem das mulheres que fazem esse parto lá.

As respostas mostram duas formas de cuidar da mulher depois do parto. A Dona Meire, utiliza práticas tradicionais, como orientações alimentares, uso de plantas medicinais e cuidados com o ambiente, mostrando conhecimentos transmitidos pela experiência e pela cultura local. A Jucialem, afirma que realiza acompanhamento durante os 40 dias, observa o sangramento, utiliza remédios caseiros e verifica a cicatrização do umbigo do recém-nascido. Além disso, destaca o apoio da família nesse período. Sua prática revela um cuidado coletivo, envolvendo não apenas a parteira, mas também a comunidade.

A quarta pergunta do questionário foi, como é o momento do parto? O que a senhora faz para ajudar a mulher? Resposta de Dona Meire:

Aqui na Aldeia a mulher escolhe a posição para parir. No hospital tem só uma posição, mas aqui ela procura a posição dela. Eu pego a barriga para saber como o bebê está, faço banho, uso banha de arraia para aliviar a dor, puxo a barriga e ajeito o bebê quando ele está mal posicionado. Já aconteceu de o bebê estar sentado e eu ajeitei rápido e ela conseguiu ter o bebê em casa mesmo, sem ir para o hospital.

### Resposta de Jucialem:

A gente vai, pega na barriga e vê se a criança está direitinho, como a gente fala, se não está torta, para o parto ser mais rígido e sem complicações. A gente verifica se está tudo bem e se as contrações estão no tempo certo, porque cada mulher é diferente uma da outra. Na nossa aldeia, a mulher é livre para escolher a melhor posição para ter o bebê, pode ser em pé, de cócoras, sentadas, na rede ou na cama. A gente ensina as mulheres de primeira viagem a fazer a força correta acompanhada todo o momento do nascimento. Antes do parto, a gente faz banho, dá chá para ajudar nas dores e, quando necessário, fazemos oração e nossos rituais, como na saída da placenta. Lá na nossa comunidade ainda funciona assim.

As respostas mostram que o parto é visto como um momento que exige cuidado físico e também atenção emocional. A Dona Meire, valoriza o conforto da mulher e respeita suas escolhas, como a posição para parir, além de usar práticas tradicionais para aliviar a dor e ajudar o nascimento. A Jucialem, também ressalta a

liberdade da mulher na escolha da posição, podendo parir em pé, de cócoras, sentada ou na rede. Ela observa a posição do bebê, orienta sobre a força correta e utiliza chás, banhos e orações. Sua fala mostra que o parto é entendido como processo natural, individual e também espiritual.

A quinta pergunta do questionário foi, a senhora faz alguma reza, oração ou tem alguma crença nas horas do parto? Resposta de Dona Meire: “Sim. Quando a placenta demora para sair, eu faço uma reza. Mas é um segredo das parteiras, que não pode falar, porque se falar perde a validade. É para a placenta sair mais rápido e salvar a mulher”. Resposta de Juciale: “A gente faz oração também, uma oração que só as parteiras podem saber. Também temos nossos rituais, como quando é para sair a placenta; a gente faz um ritualzinho.”

As duas parteiras mostram que a espiritualidade faz parte do cuidado durante o parto. A Dona Meire e Juciale, utilizam as rezas tradicionais, consideradas saberes que devem ser preservados e respeitados. A Juciale, fala que também realiza orações e rituais, principalmente relacionados à saída da placenta. Assim como a dona Meire, considera esses saberes reservados. Isso demonstra que a espiritualidade é elemento comum nas duas experiências.

A sexta pergunta do questionário foi, como as pessoas da comunidade veem o trabalho da senhora como parteira? Resposta de Dona Meire: “Elas veem como ajuda, principalmente as que não gostam de ir para o hospital. Elas têm confiança em mim como se eu fosse uma mãe naquele momento. A mulher fica muito sensível e a gente cuida com carinho”. Resposta de Juciale: “Os comunitários ainda valorizam bastante o trabalho da parteira. Graças a Deus, nós somos sempre bem-vindas onde chegamos. Há valorização por parte dos aldeados, e a população dá esse reconhecimento para a gente dentro das aldeias.”

As respostas indicam que o trabalho das parteiras é valorizado pela comunidade. A Dona Meire, destaca a confiança e o vínculo afetivo com as mulheres, que a veem como alguém que cuida com carinho em um momento delicado. A Juciale, relata que é valorizada pelos aldeados e sempre bem recebida na comunidade. Seu reconhecimento é comunitário e simbólico, baseado na tradição e na confiança coletiva.

A sétima pergunta a senhora enfrentou alguma dificuldade no momento do parto? Resposta de Dona Meire:

Sim, principalmente com as mães de primeira viagem. Algumas ficam com medo, outras ficam bravas, choram, querem morder. Eu trato com carinho, converso e ensino como fazer. Já fiz também partos difíceis, de risco, até com criança morta no ventre por causa de queda. Fiz tudo direitinho e a mãe conseguiu parir.

#### Resposta de Jucialeme:

No momento do parto, durante esse período, nunca passei por momentos difíceis, graças a Deus. Quando a gente vê que a mulher não tem passagem, como as pessoas falam, e percebe que ela não vai poder ter o bebê, aí sim é para ser operada. A gente observa e faz a remoção dela para Autazes. Hoje nós temos mais recursos. Então nós, como parteiras, temos que ver se essa mulher pode ter em casa, para segurança dela e da criança. Se a gente percebe que ela não vai conseguir ter o bebê, fazemos a remoção para dar tudo certo.

As respostas mostram que o trabalho de parteira envolve muitos desafios. A Dona Meire, fala das dificuldades emocionais e comportamentais das gestantes e também de situações de risco durante o parto. A Jucialeme, afirma que nunca enfrentou grandes dificuldades, pois quando identifica risco realiza encaminhamento para Autazes. Sua fala demonstra responsabilidade e consciência dos limites do parto domiciliar.

A oitava pergunta por que a senhora acha que hoje quase não existem mais parteiras? O que é importante lembrar desse momento do parto? Resposta de Dona Meire:

Para ser parteira precisa de paciência, atenção, cuidado e gostar do que faz. Eu sinto que tenho dom. Trabalhamos com vidas, da mãe e do bebê. Eu sei como a criança está no ventre sem ultrassom, sei quando tem cordão no pescoço, quando está mal posicionada. Isso é uma sabedoria que Deus deu. Eu trabalho voluntário, não ganho nada, mas faço porque gosto e quero ajudar minhas colegas. Faço com amor e carinho.

#### Resposta de Jucialeme:

É que estamos lidando com algo muito delicado e muito sério, que é o nascimento de uma criança no mundo. Então a gente tem que ter muita responsabilidade. É um momento único na vida da mãe, o nascimento do filho, não só para ela, mas para toda a família. Por isso o parto é tão importante. Eu creio que hoje quase não existem mais parteiras por uma questão divina. Para ser parteira tradicional, a mulher tem que nascer com alguns conhecimentos, e eu creio que esses conhecimentos vêm de Deus. O mundo está muito mudado, diferente, e já não estão nascendo pessoas com esses dons. Então eu creio que seja isso.

A terceira entrevistada, Lanna, é membro da comunidade de Autazes e neta de uma parteira tradicional. Sua participação possibilitou compreender como os saberes das parteiras permanecem presentes na memória familiar e influenciam novas formas de cuidados com o parto: Primeira pergunta: Ao recordar a trajetória de

sua avó como parteira tradicional, quais memórias você considera mais significativas?

Resposta:

A memória mais significativa que eu tenho da minha avó é de quando eu tinha por volta de 8 ou 9 anos. Eu lembro que quase toda semana visitava a minha avó e, mesmo ela já tendo perdido a visão, sempre chegaram uma ou duas grávidas para que elas as “pegasse”. Eu via a vovó conversar com as gestantes, perguntas quantos meses de gravidez tinham, fazer o exame na barriga, observar a posição do bebê, tenta encaixa-lo e orientar as pacientes. O que me marcou foi que ela fazia tudo isso sem cobrar dinheiro em qualquer outro tipo de pagamento.

Segunda pergunta: Como essas lembranças contribuíram para a construção de sua identidade e de sua visão sobre o cuidado com o parto? Resposta:

A vovó tem uma grande contribuição nisso. Hoje eu sou uma enfermeira obstetra que defende o parto humanizado e a escola da mulher. A visão que a minha avó tinha sobre métodos naturais, métodos não farmacológicos, esse cuidado humanizado, simples, acolhedor e resolutivo, é para a minha prática profissional. Eu quero proporcionar à minha paciente uma boa experiência no parto, algo que ajude a resolver as necessidades dela e que faça com que ela se sinta cuidada. Era exatamente isso que a minha avó fazia, e é isso que eu também busco fazer. Por isso, ter a minha avó como parteira tradicional pesa muito pra mim. É algo que influencia diretamente a forma como eu vejo o parto, o cuidado e assistência às mulheres.

Terceira pergunta: De que maneira os ensinamentos, práticas e valores transmitidos por sua avó permaneceram ou se transformaram ao longo do tempo, especialmente na forma como você compreende o cuidado com as mulheres da comunidade? Resposta:

Eu acredito que um dos ensinamentos, práticas e valores mais presentes da minha avó está relacionado à forma de tratar as pessoas. Minha avó era uma pessoa muito educada e tratava muito bem as suas clientes. Ela escutava as mulheres, aconselhava, orientava e procurava oferecer alternativas para ajuda-las. Outro ensinamento muito importante é o reconhecimento dos próprios limites. Minha avó sabia exatamente até onde podia ir como parteira e, quando precisava, encaminhava a gestantes para o hospital. Além disso, ela confiava no conhecimento construído pela experiência e sempre fazia o melhor que podia pelas mulheres que atendia. Esse exemplo me faz pensar na importância de continuar aprendendo, estudando e me atualizando para oferecer uma assistência cada vez melhor. É um ensinamento que carrego na minha prática profissional e na forma como compreendo o cuidado com as mulheres.

Quarta pergunta: Na sua percepção, que mudanças históricas marcaram a assistência ao parto na comunidade desde o período de atuação de sua avó até os dias atuais? Essas mudanças representaram rupturas ou continuidades? Resposta:

Eu acredito que as mudanças representaram muito mais uma ruptura do que uma continuidade do trabalho realizado pelas parteiras tradicionais. Antigamente, o parto acontecia principalmente em domicílio e as parteiras respeitavam o tempo do parto, utilizando os recursos que tinham e os

conhecimentos construídos pela experiência. Com o avanço da tecnologia e o surgimento de novos profissionais, o parto passou a ser conduzido de forma muito mais biomédico, e muitos valores foram se perdendo. Mas também acredito que existe um movimento de continuidade. A partir dos anos 2000 e, principalmente, entre 2010 e 2012, começou a ganhar força o movimento pela humanização do parto. Muitas das práticas que hoje associamos a esse conceito já faziam parte do trabalho das parteiras tradicionais. Por isso, considero que houve uma ruptura importante, mas também um movimento de retomadas e continuidade de muitos dos princípios que sempre estiveram presentes na atuação dessas mulheres.

Quinta pergunta: Você acredita que os saberes das parteiras tradicionais constituem parte da memória coletiva e do patrimônio cultural da comunidade? Como essa herança pode ser reconhecida e preservada pelas novas gerações? Resposta:

Sem dúvida nenhuma, o que as parteiras tradicionais faziam e continuam fazendo constitui uma memória coletiva e um patrimônio cultural. O conhecimento delas representa um legado muito importante para a sociedade. Acredito que essa herança pode ser reconhecida, em primeiro lugar, por meio do reconhecimento da importância das parteiras, tanto no passado quanto no presente. Preservar essa herança significa valorizar esses conhecimentos, registrar suas histórias, reconhecer sua contribuição para a saúde das mulheres e compreender que elas tiveram um papel fundamental na construção da assistência ao parto que conhecemos hoje. Eu gosto de pensar que as parteiras começaram a caminhar para que nós pudéssemos correr. Elas foram o início de tudo.

As respostas mostram diferentes motivos para a diminuição das parteiras. A Dona Meire, fala do ofício como vocação, algo que exige dedicação, paciência e compromisso pessoal. A Jucialeme, acredita que a diminuição está ligada a uma questão divina, pois considera que o dom de parteira é concedido por Deus e que o mundo mudou. Sua interpretação revela visão espiritual sobre a profissão. A Lanna, trouxe uma memória afetiva e marcada pela convivência familiar e pela observação direta, sendo uma mulher jovem e com um relato de vivência muito significativo para ela como pessoa e profissional que se tornou. Seu depoimento demonstra como as experiências vividas na infância e os ensinamentos transmitidos pela família contribuíram para a construção de sua visão sobre o cuidado, o parto e a assistência às mulheres.

A elaboração das perguntas que compuseram o roteiro de entrevista partiu dos objetivos definidos para esta pesquisa e da revisão bibliográfica realizada sobre a temática, buscando contemplar a trajetória de vida, os saberes acumulados, as práticas de cuidado, os desafios enfrentados e o significado social do ofício de parteira tradicional. Cada questão foi estruturada de modo a permitir que as entrevistadas expressassem suas experiências e compreensões, ao mesmo tempo em que

possibilitasse a articulação com os referenciais teóricos que embasam o estudo. Dentre elas, a quinta pergunta foi formulada com o intuito de investigar a dimensão simbólica e espiritual que permeia o exercício da atividade, elemento recorrente na literatura e reconhecido como parte integrante do cuidado realizado por essas mulheres (SANTOS, 2016, p. 14; SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020, p. 9). Desse modo, procurou-se compreender como rezas, rituais e crenças se articulam aos saberes práticos, bem como identificar aspectos que as próprias parteiras consideram essenciais e exclusivos ao seu trabalho, contribuindo para uma análise mais completa de suas memórias e práticas.

A entrevistada Dona Meire de Souza dos Santos, 55 anos, com ensino médio completo, reside na Aldeia Josefa, no município de Autazes, onde atua como Agente Indígena de Saúde (AIS)<sup>1</sup> e parteira tradicional. Seu aprendizado ocorreu por meio da observação e da experiência prática, iniciando sua atuação aos 18 anos, após acompanhar partos na comunidade. Em seu relato, destaca que o cuidado prestado pelas parteiras ultrapassa o momento do nascimento, abrangendo orientações durante o puerpério, uso de plantas medicinais, massagens, banhos, orações e acompanhamento contínuo das mulheres. Ressalta, ainda, que o exercício da atividade exige paciência, dedicação e compromisso com a vida, além de lamentar a redução do número de parteiras nas comunidades.

A trajetória de dona Meire, evidencia que a atuação das parteiras tradicionais constitui um sistema de cuidados construído a partir da experiência e da transmissão oral dos saberes entre gerações — característica central desse ofício, conforme destacam SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT (2020, p. 6). Seus conhecimentos articulam práticas terapêuticas, culturais e espirituais, conferindo às parteiras um papel que vai além da assistência ao parto, pois também envolve o acompanhamento da saúde da mulher e do recém-nascido. Sob a perspectiva da História Oral, sua narrativa revela a permanência de saberes tradicionais que contribuíram historicamente para a organização do cuidado nas comunidades amazônicas (DIAS, 2007, p. 478). Nesse sentido, sua experiência confirma que essas mulheres desempenharam funções relacionadas não apenas ao nascimento, mas

---

<sup>1</sup> O que é e o que faz um agente de saúde indígena. E porque ele tem que ser indígena? É um profissional do sus, escolhido pela comunidade, que une saberes tradicionais e conhecimentos científicos. É indígena porque domina a língua, conhece a cultura, tem vínculo de confiança e garante que a saúde seja feita com respeito e autonomia do povo.

também aos processos de cura, ao uso de recursos naturais e ao fortalecimento dos vínculos comunitários (PINTO, 2009, p. 25).

A entrevistada Jucialeme Prado Pacheco, 37 anos, professora, formada em Magistério e atualmente graduanda em Pedagogia do Campo, é filha da parteira tradicional Meire de Souza dos Santos, primeira entrevistada desta pesquisa. Sua trajetória evidencia a articulação entre a formação escolar e os saberes tradicionais construídos no ambiente familiar e comunitário. Desde a infância, acompanhou a atuação de sua mãe na Aldeia Josefa, em Autazes, vivenciando práticas de cuidado que demonstram como, nas comunidades rurais amazônicas, diferentes formas de conhecimento coexistem e são transmitidas entre gerações (SANTOS, 2016, p. 10).

Jucialeme relata que sua formação como parteira se deu pela observação, prática e convívio familiar, e não por cursos formais o que se alinha à visão de PORTELLI (1997), para quem o valor da narrativa está nos significados que os sujeitos atribuem às suas vivências. Assim, seu ofício ultrapassa o aspecto técnico, marcando-se por responsabilidade, compromisso e identidade cultural (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020; OLIVEIRA; PERALTA; SOUSA, 2019; MINAYO, 2014; FOUCAULT, 1987).

Sua história também mostra que a institucionalização do parto e o ensino formal não eliminaram saberes tradicionais, mas criaram novas formas de convívio entre conhecimento científico e experiência comunitária. O cuidado surge, então, como construção social permeada por vínculos, cultura e crenças, conforme a concepção de saúde de MINAYO (2014).

Do ponto de vista histórico, sua trajetória revela permanências e mudanças na assistência ao parto: mesmo com a expansão do modelo biomédico e da centralização do saber médico analisada por FOUCAULT (1987), práticas tradicionais persistem, se reconfiguram e não desaparecem (OLIVEIRA; PERALTA; SOUSA, 2019).

Portanto, o saber das parteiras segue vivo na memória coletiva da Amazônia, sendo ressignificado a cada geração. Tradição e formação acadêmica não se opõem: ao contrário, coexistem e colaboram para a preservação do patrimônio cultural ligado ao parto e à saúde da mulher (DIAS, 2007).

A entrevistada Lanna Dávila Santos Monteiro, 26 anos, enfermeira obstetra, graduada em Enfermagem, atua na assistência ao parto em um hospital público de alto risco, na cidade de Manaus. Embora não exerça a atividade de parteira

tradicional, sua trajetória pessoal e profissional está profundamente vinculada a esse universo, pois é neta de Zulmira Bararua dos Santos, parteira tradicional que atuou no município de Autazes. Em seu depoimento, recorda as frequentes visitas à casa da avó, cujas experiências permaneceram vivas em sua memória e influenciaram sua formação pessoal e profissional.

Ao escolher a Obstetrícia, Lanna inicialmente não percebeu a ligação com a avó, mas durante a formação acadêmica entendeu que sua decisão vinha de valores aprendidos na infância: cuidado, respeito à mulher e limites da profissão.

Sua história mostra que a memória familiar preserva os saberes das parteiras (SANTOS, 2016). Mesmo com formação acadêmica, seu cuidado segue influenciado pela avó e, como destaca PORTELLI (1997), a memória não só guarda fatos, mas dá sentido às vivências, construindo identidades e mantendo saberes entre gerações.

Historicamente, isso prova que tradição e ciência não se excluem, mas se complementam. A valorização atual do parto humanizado retoma princípios das parteiras, como respeito ao tempo do parto, autonomia feminina e cuidado integral (DIAS, 2007). Assim, o relato de Lanna confirma que esses saberes continuam a guiar a obstetrícia, como patrimônio histórico e cultural da Amazônia (SILVA; DIAS-SCOPEL; SCHWEICKARDT, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da atuação das parteiras tradicionais no município de Autazes evidencia que essas mulheres desempenharam e, em alguns contextos, ainda desempenham um papel fundamental na assistência ao parto e no cuidado à saúde da mulher e do recém-nascido. Detentoras de saberes ancestrais, construídos por meio da experiência prática e da transmissão oral entre gerações, atuaram de forma decisiva em comunidades marcadas pela escassez ou ausência de serviços formais de saúde, tornando-se referências de cuidado, confiança e apoio para inúmeras famílias.

Os resultados desta pesquisa demonstram que os conhecimentos das parteiras ultrapassam o momento do parto, abrangendo um amplo conjunto de práticas voltadas ao cuidado integral da gestante. Entre essas práticas destacam-se o uso de plantas medicinais, massagens, orientações alimentares, rezas, rituais simbólicos e o acompanhamento contínuo durante a gestação, o parto e o puerpério. Em muitas comunidades rurais, essas mulheres constituíram a principal e, em

diversos casos, a única referência de assistência às gestantes, oferecendo suporte físico, emocional e espiritual em um momento de grande significado para a vida das famílias.

As narrativas das entrevistadas revelam que os saberes das parteiras foram construídos por diferentes trajetórias, mas sempre fundamentados na experiência, na observação e na convivência com mulheres mais experientes. Em alguns casos, esses conhecimentos passaram a dialogar com processos de formação técnica, demonstrando que tradição e conhecimento científico podem coexistir e complementar-se. Esses saberes expressam formas próprias de compreender o corpo, a saúde e o nascimento, constituindo um patrimônio cultural transmitido entre gerações e preservado na memória coletiva das comunidades amazônicas.

Ao longo de suas trajetórias, muitas parteiras deixaram um importante legado social e histórico, sendo reconhecido pelo trabalho desenvolvido em suas comunidades. E recentemente, esse trabalho das parteiras tradicionais, foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial, havendo o Dia Nacional da Parteira Tradicional, instituído pela Lei nº 14.188/2021, e ações do Ministério da Saúde que buscam integrar esses saberes à rede de atenção básica, embora ainda haja desafios para sua efetivação.

O estudo confirma que as parteiras tradicionais não apenas complementaram o sistema formal de saúde, mas, em muitos contextos, supriram a ausência de serviços médicos, especialmente em localidades de difícil acesso. Além de lamentar a redução do número de parteiras, é importante refletir sobre como o processo de assimilação dessas mulheres pela medicina oficial e pelas normas institucionais contribuiu gradualmente para o enfraquecimento da prática tradicional. Ao longo do tempo, a exigência de formação acadêmica, o reconhecimento legal restrito a profissionais com diploma e a própria expansão da assistência hospitalar fizeram com que saberes construídos ao longo de gerações fossem progressivamente desvalorizados ou absorvidos sem que suas características originais como o vínculo afetivo, o conhecimento das ervas, a escuta sensível e a liberdade da mulher no parto fossem preservados. Muitas parteiras acabaram se afastando da atividade ou se restringindo a funções definidas pelo sistema de saúde, perdendo autonomia sobre seu próprio fazer; outras, por sua vez, não encontraram suporte para transmitir seus saberes às novas gerações. Dessa forma, a redução no número de parteiras não se deu apenas por mudanças culturais ou tecnológicas, mas também por uma

reconfiguração do que é considerado “saber válido”, na qual a tradição oral e a experiência vivida foram, pouco a pouco, sendo substituídas por modelos que nem sempre levam em conta a riqueza e a especificidade do cuidado que essas mulheres historicamente ofereceram às comunidades amazônicas. Esse cenário reforça a necessidade de reconhecer e preservar conhecimentos historicamente construídos, que constituem parte significativa do patrimônio cultural amazônico.

Ao registrar suas trajetórias por meio da História Oral, esta pesquisa contribui para a valorização da memória dessas mulheres, reconhecendo seu protagonismo histórico e a importância de seus saberes na construção das práticas de cuidado desenvolvidas nas comunidades amazônicas. Mais do que responsáveis pela assistência ao parto, as parteiras exerceram funções de liderança feminina, fortaleceram vínculos comunitários e preservaram práticas culturais fundamentais para a organização social e para a manutenção da vida.

Por fim, conclui-se que compreender a história das parteiras tradicionais de Autazes significa reconhecer a relevância dos conhecimentos locais, da memória coletiva e do protagonismo feminino na construção das formas de cuidado que sustentaram e ainda sustentam muitas comunidades amazônicas. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o reconhecimento social dessas mulheres, estimular novas pesquisas sobre o tema e fortalecer iniciativas voltadas à preservação e valorização dos saberes tradicionais relacionados ao nascimento, ao cuidado e à identidade cultural da região.

### **Fontes Orais (Entrevistas)**

Fontes Orais Entrevista com a Meire de Souza dos Santos, realizada por Francilane Jully dos Santos, nas dependências de casa da entrevistada, na Comunidade da Aldeia Joséfa, em Autazes – AM, no dia 12 de fevereiro de 2026.

Entrevista com a Jucialeme Prado Pacheco, por Francilane Jully dos Santos, nas dependências de casa da entrevistada, na Comunidade da Aldeia Joséfa, em Autazes – AM, no dia 29 de maio de 2025.

Entrevista com a Lanna Dávila Santos Monteiro, por Francilane Jully dos Santos, realizada nas dependências de casa da entrevistada, no Bairro Waldomiro Sampaio, em Autazes – AM, no dia 16 de maio de 2026.

### **Referências Bibliográficas**

**BRASIL.** Lei nº 14.188, de 27 de julho de 2021. Institui o Dia Nacional da Parteira Tradicional e reconhece os saberes e as práticas das parteiras tradicionais como patrimônio cultural imaterial do Brasil; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 28 jul. 2021. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/L14188.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14188.htm). Acesso em: 05 ago. 2026.

**CARVALHO, F. A. M.; ORIÁ, M. O. B.; PINHEIRO, A. K. B.; XIMENES, L. B.** Significado do trabalho de parto: a perspectiva dos acadêmicos de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, São Paulo, v. 22, n. 6, p. 767-772, 2009.

**DIAS, Maria Djair.** Histórias de vida: as parteiras tradicionais e o nascimento em casa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 9, n. 2, p. 476-488, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a14.htm>. Acesso em: 28 jul. 2026.

**FOUCAULT, Michel.** *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1987.

**IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** *Estimativas da população e área territorial dos municípios brasileiros – 2021*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 ago. 2026.

**MINAYO, Maria Cecília de Souza.** *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

**NASCIMENTO, K. C. et al.** Experiência de cuidado das parteiras de Envira. *Revista X*, v. 10, n. 1, p. 50–65, 2023.

**OLIVEIRA, R. S.; PERALTA, N.; SOUSA, M. J. S.** As parteiras tradicionais e a medicalização do parto na região rural do Amazonas. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 1-23, set./dez. 2019.

**PINTO, B. C. M.** A caracterização do dom de parteiras, benzedadeiras e curandeiras na região do Tocantins, no Pará. *Margens*, Belém, v. 5, n. 6, p. 233-248, jun. 2009.

**PORTELLI, Alessandro.** O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

**SANTOS, Luciana Guimarães.** *A arte de partejar: das parteiras tradicionais à medicalização do parto no Amazonas (1970-2000)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

**SCHWEICKARDT, Júlio Cesar (org.) et al.** *Parteiras Tradicionais: conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde*. 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Série Saúde & Amazônia, v. 11). ISBN 978-65-87180-23-6.

**SILVA, S. C.; DIAS-SCOPEL, R.; SCHWEICKARDT, Júlio Cesar.** Gestação e parto em uma comunidade rural amazônica: reflexões sobre o papel da parteira tradicional. *Interface (Botucatu)*, v. 24, supl. 1, e190030, 2020. DOI: 10.1590/Interface.190030.